IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

ENTRE O CONHECIMENTO TÉCNICO E A SENSIBILIDADE ARTÍSTICA: A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO MODERNA

**PALAVRAS E IMAGENS IMPRESSAS: AS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
ESPECIALIZADAS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PESQUISA EM
ARQUITETURA E URBANISMO**

**Cynthia Tragante
IAU-USP-São Carlos
cynthia.tragante@usp.br**

ENTRE O CONHECIMENTO TÉCNICO E A SENSIBILIDADE ARTÍSTICA: A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO MODERNA

RESUMO

A cidade de São Paulo, na virada do século XIX e principalmente nas primeiras décadas do XX, passou por um crescimento urbano acelerado que teve reflexos econômicos, sociais, culturais e artísticos. A Literatura Modernista, espelhada nas ideias europeias e buscando romper padrões, encontra, nesta cidade em transformação, local fértil para a enunciação de rupturas e exaltação da urbanidade e seus signos, como a industrialização e a velocidade. O trabalho aqui apresentado é parte da pesquisa de doutorado em andamento que procura compreender a formação da identidade da cidade de São Paulo entre as décadas de 20 e 30, através de suas representações presentes em revistas da época. Procura-se verificar como os projetos e escritos sobre a cidade de São Paulo nos campos da literatura, urbanismo e arquitetura dialogam na construção desta identidade, seja ao celebrar os rumos da cidade, enfatizando sua modernização, seja ao criticar estes rumos, assinalando seus problemas urbanos. Os periódicos utilizados na pesquisa de doutorado são revistas técnicas da área de arquitetura, urbanismo e engenharia em conjunto com as revistas literárias, nas quais são enunciadas as representações de São Paulo a partir de uma visão artística e que pode evidenciar as sensibilidades da época. Como metodologia, a leitura dos textos é feita pautada na teoria da História Cultural, procurando compreender estes discursos e imagens através de um olhar que abarque as sensibilidades e os fatores culturais para a compreensão da história urbana. Embora a pesquisa esteja em fase inicial, é possível discutir neste trabalho a metodologia adotada, a partir das questões teóricas da História Cultural e de alguns exemplos das representações e discursos presentes nas publicações. O objetivo é contribuir para o entendimento das relações entre as áreas de estudo, evidenciando suas tensões e contradições.

Palavras-chave: São Paulo. Periódicos. Representação.

BETWEEN TECHNICAL WISDOM AND ARTISTIC SENSIBILITY: REPRESENTATIONS OF MODERN SÃO PAULO CITY

ABSTRACT

The city of São Paulo, on the turning of the 19th century and the first decades of the 20th century, went through an accelerated urban growth that showed economic, social, cultural and artistic impacts. The Modernist Literature, inspired by the European ideas of breaking established standards, finds in this city under transformation a fertile place for the rupture declarations and exultation of the urbanity and its signs, like the speed and industrialization. This work presented here is part of the ongoing doctorate research that seeks to understand the formation of the identity of the city of São Paulo between the 1920 and 1930 decades, through its representations present on magazines from this period. We seek to verify how the projects and the manuscripts about the city of São Paulo on the literature, urbanism and architecture fields dialogue with this construction of identity construction, as it celebrates the city directions, extolling its modernization, or as it criticizes these same directions, marking its urban problems. The journals used in the doctorate research are technical magazines in the architecture, urbanism and engineering areas together with literary magazines, where the São Paulo representations from an artistic view are presented and may indicate the period sensibilities. The methodology is composed of reading the texts using the Cultural History theory as support, seeking to understand the discourses and images that embrace the sensibilities and cultural factors relevant to the urban history comprehension. Although this research is on its initial stage, we believe that is possible to discuss the adopted methodology from theoretical questions from Cultural History and from some examples of representations and discourses present on the publications. The objective is to contribute to the understanding of the relations between the study areas, showing its tensions and contradictions.

Keywords: São Paulo. Journals. Representation.

1. INTRODUÇÃO

A cidade de São Paulo tem uma história peculiar de crescimento urbano. Se até as últimas décadas do século XIX se apresentava como uma pequena cidade que muito mantinha suas feições coloniais, a partir da virada do século e principalmente nas primeiras décadas do XX, cresce de maneira muito rápida colocando-se como grande centro urbano.

Nas primeiras décadas do século XX, a cidade já havia passado, em ritmo acelerado, por diversos investimentos urbanos, grande aumento populacional e transformações econômicas sociais e culturais, em parte decorrentes do enriquecimento causado pela prosperidade da economia cafeeira.

Nesse mesmo período se difundiam as ideias ligadas ao movimento artístico do Modernismo que, na escala global, estava associado às grandes cidades e ao crescimento urbano e industrial. O pensamento modernista trazia para a discussão das diversas esferas artísticas o entusiasmo e as problemáticas das características e consequências destes fenômenos urbanos. A Literatura Modernista brasileira, espelhada nas ideias europeias e buscando romper padrões, encontrou na cidade de São Paulo em transformação local fértil para a enunciação de rupturas e exaltação da urbanidade e seus signos.

Sabe-se que a relação entre literatura modernista e a cidade de São Paulo é muito forte e os temas são associados sempre que se toca a cada um dos assuntos. O trabalho que aqui se apresenta tem por objetivo a aproximação entre os campos de estudo do urbano e da literatura. Procura-se fazer esta leitura a partir da teoria da História Cultural, a qual preza pela compreensão da história a partir de suas manifestações culturais.

Estas manifestações foram buscadas nos periódicos da época. São as revistas técnicas, as quais tratam das questões urbanas a partir de um olhar científico, sendo as selecionadas: a *Revista de Engenharia*, a *Revista Politécnica* e o *Boletim do Instituto de Engenharia*. Com uma visão artística, são utilizadas *Klaxon*, *Terra Roxa* e *Outras Terras*, *Antropofagia*, *Novíssima* e *Revista do Brasil*. A seleção de ambos grupos usou como critério a publicação na cidade de São Paulo, sendo provável que assim haja mais comentários acerca da cidade. Entende-se que tais materiais podem revelar as sensibilidades e imaginários sobre a cidade da época.

Neste trabalho, os recortes selecionados foram retirados destas revistas. No entanto, pela brevidade deste texto e pela pesquisa ainda em andamento¹, não são mencionadas aqui todas

¹ Pesquisa de doutorado em andamento pelo PPGAU IAU-USP, com orientação da Prof^a. Dr^a. Telma de Barros Correia e apoio da FAPESP (Processo 2015/01700-1).

elas, mas sim aquelas cujos textos já foram parcialmente visitados e os quais pareceram, em primeira instância, mais relevantes neste momento².

Cabe ressaltar que este texto se configura como um recorte das primeiras investigações realizadas durante esta pesquisa de doutorado. Assim, é importante destacar seu caráter transitório, considerando que a pesquisa ainda passará por diversas leituras, observações e descobertas. No entanto, isso não nega sua importância na trajetória da investigação tampouco sua relevância dentro deste encontro. A proposta, para este momento, é de compreender parte dos textos selecionados destes periódicos a partir de uma primeira impressão, obtendo material e hipóteses para serem provados ou negados adiante, ao longo da pesquisa.

Com isso, neste texto, busca-se trazer um panorama das transformações urbanas da cidade de São Paulo no período estudado discutido de forma entremeada com alguns recortes que mostram a maneira como essas mudanças eram vistas nos periódicos.

2. RELAÇÕES ENTRE CIDADE E LITERATURA

Os estudos sobre as representações e seus impactos na realidade é um tema que tem tido uma atenção maior nos últimos tempos por parte principalmente dos historiadores e estudiosos das ciências humanas. Dentro da chamada História Cultural, as pesquisas acerca das representações têm merecido destaque por, em grande parte, revelarem aquilo que nem sempre é compreendido através dos métodos mais tradicionais.

Levando em consideração fatores culturais e um olhar que abarque as sensibilidades, a História Cultural procura “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”, como define Chartier (1990, 17), historiador francês e encabeçador da teoria.

A área de Arquitetura e Urbanismo está presente entre esses estudos buscando compreender o papel das representações urbanas em diversos suportes como formadoras de imaginário, sentido e próprio desenvolvimento histórico das cidades e de sua arquitetura.

No Brasil, Sandra Jatahy Pesavento, também historiadora, buscou seguir a teoria de Chartier, e, entre seus trabalhos, desenvolveu uma harmoniosa relação entre os estudos urbanos e a literatura.

Pesavento afirma que um dos pontos que a História Cultural trabalha sobre a cidade é na

² Dentre as revistas citadas, ainda não foram tocados os textos da *Novíssima* e da *Revista do Brasil*, não sendo estas, portanto, aqui citadas. A revista *Antropofagia*, embora tenha sido consultada, não pareceu fornecer material interessante a este trabalho neste momento. Da mesma forma, segue ao longo do trabalho apenas uma citação da *Revista Politécnica*, pela brevidade de seus textos sobre o assunto abordado.

tentativa de compreender o imaginário urbano, resgatando discursos e imagens de representação da cidade (Pesavento, 2014, 78). Estes discursos podem ser políticos, jurídicos, médicos, urbanísticos, literários, entre outros, e empregam metáforas para qualificar a cidade (Pesavento, 2014, 80). Assim, tanto os textos literários quanto os presentes nas revistas técnicas (urbanísticos, arquitetônicos, científicos, de maneira geral) se configuram como suportes para as representações urbanas.

Mais claramente sobre a relação entre os estudos urbanos e a literatura, Pesavento elucida sua estratégia de pesquisa, tal como é adotada também neste trabalho, que consiste em:

Pensar a literatura como uma leitura específica do urbano, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, às suas ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidades que nesse espaço têm lugar. Há, pois, uma realidade material – da cidade construída pelos homens, que traz as marcas da ação social. [...]. Sobre tal cidade, ou em tal cidade, se exercita o olhar literário, que sonha e reconstrói a materialidade da pedra sob a forma de um texto (Pesavento, 1999, 10).

Ainda que os textos científicos dos periódicos técnicos possam ter como objetivo serem neutros e tratarem das transformações da cidade de maneira puramente científica, mostrando-se mais próximo possível da cidade material da qual Pesavento fala, essa tarefa, sob o olhar da História Cultural, é impossível. Isso porque todo texto está carregado de sentido, possui marcas de seu tempo, do seu discurso, de suas ideias:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (Chartier, 1990, 17).

A partir disso, aqui se procura elucidar parte destes discursos presentes nas fontes selecionadas mostrando como se colocam à medida que a cidade passa por transformações físicas e sociais.

3. REPRESENTAÇÕES DA SÃO PAULO MODERNA

A cidade de São Paulo, até o final do século XIX, poderia ser considerada uma cidade pequena que conservava muito de sua feição do período colonial. Na virada para o XX, no entanto, passa a ter um crescimento e desenvolvimento bastante acelerado, de forma que, em pouco tempo, se torna uma grande cidade. Por volta de 1920, São Paulo, que se limitara às irradiações do triângulo por três séculos, já era a segunda maior cidade do Brasil, perdendo somente para a capital, Rio de Janeiro. Se em 1911, sua população era estimada em “300 mil

almas”³, já em 1928, Anhaia Melo, em seu discurso sobre o urbanismo da cidade, afirma que beirava a um milhão de habitantes⁴. Fatores que levaram a este crescimento populacional vertiginoso incluem a maciça imigração que, por sua vez, se relaciona ao progresso da economia cafeeira e à industrialização, em conjunto com a abolição do trabalho escravo no país.

São Paulo, até o final do XIX, era um estado que não contribuía com destaque para a economia do país com fraca produção de demanda internacional. A partir do crescimento da produção de café, o estado ganha destaque e passa a se tornar alvo de investimentos estrangeiros e locais, com implantação de ferrovias interligando as regiões produtoras e incentivo aos negócios o que, por sua vez, aumenta as atividades urbanas e a migração interna para a capital (Somekh, 1997, 66).

A questão das ferrovias é tema presente em diversos números das revistas técnicas, com sessões especiais para os temas referentes às Estrada de Ferro. Não só se falava de São Paulo, mas sobre todo o Brasil, evidenciando a importância da ferrovia em caráter nacional. Já o café como enriquecedor percorre não só as revistas de engenharia, mas é bastante frisado nas revistas literárias, em textos que exaltam a riqueza da capital. Exemplo é a apresentação da revista *Terra Roxa e outras terras*, exaltando a fertilidade da terra paulista: “A nossa terra roxa, mercê de sua fertilidade complexa e exagerada, tem dado á luz tudo que é o sonho de uma imaginação de pioneiro: açúcar, café, aranha-céus, trens eléctricos, lança-perfumes, directórios políticos, omnibus, e até literatos. Tudo. [...]”⁵.

A ideia da terra fértil como responsável pela riqueza de São Paulo já estava bastante presente mesmo antes. Na revista *Klaxon* há um texto no qual o autor fala sobre o orgulho paulista e inclusive compara a outros estados:

*O paulista, é verdade, tem orgulho de ser paulista. Mas o bahiano também se orgulha de ser bahiano. São Paulo progrediu devido, em grande parte, á terra mansa que Deus lhe deu. A Bahia permittiu que suas laranjas fossem constituir uma das riquezas da Califórnia. A culpa é de São Paulo? E seria justo que cruzássemos os braços na penúria, só para ficarmos eguaes a um ou outro irmão? Assegura-te, amigo: os paulistas são brasileiros e querem ser brasileiros [...] Brasileiros, não plantai grão pérfido na terra roxa! Cuidado, que a terra é boa!*⁶

A riqueza da terra fértil que trazia progresso é uma imagem constante nos periódicos. Esse

³ “A questão do lixo em S. Paulo”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 1, junho 1911, 17.

⁴ “Urbanismo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. IX, nº 42, novembro 1928, 236.

⁵ “Apresentação”, *Terra Roxa e Outras Terras*, nº 1, janeiro 1926, 1.

⁶ “Luzes e Refrações”, *Klaxon*, nº 2, junho 1922, 16.

progresso é quase sempre assinalado na forma de transformações físicas no urbano, os quais eram resultados destes investimentos estrangeiros ou locais. Estes eram necessários para melhor acolher a mais recente população residente formada não só por imigrantes, mas principalmente pela elite agrária do país encabeçada pelos cafeicultores, que passava a ter residência permanente sobretudo na capital.

Dentre estas transformações, várias são notáveis ocorridas ainda nas últimas décadas do século XIX, como o primeiro calçamento de paralelepípedo no núcleo histórico, a reforma do Jardim da Luz, o surgimento da Companhia da Cantareira e da Companhia Paulista de Eletricidade, a abertura da Av. Paulista e a entrega do viaduto do Chá. Já no início do XX, outras obras importantes são concluídas, como o Viaduto Santa Efigênia, em 1913, e o Teatro Municipal em 1911, “marco indispensável na afirmação da cultura europeia que legitimava a elite paulistana” (Campos, 2004, 74).

A inauguração do Teatro Municipal é relatada pela *Revista de Engenharia*. Com nove páginas da edição dedicada à apresentação do edifício e notícia sobre sua inauguração, a *Revista* traz a planta do prédio, imagens das fachadas e das áreas internas. No texto de entrada a esta descrição, é justificada a necessidade da cidade de São Paulo de ter “uma casa de espetáculos condigna, mais do que decente, que o fosse também monumental”⁷. E segue o texto afirmando que

*Sobejamente convencido ainda ficaria aquelle que, mesmo estranho á rapidez do nosso progresso, sem maior esforço que deduzir do estado actual, transcendesse e descobrisse a transparência do véu que nos separa de um futuro próximo e glorioso*⁸.

Simbolizando de forma icônica as transformações urbanas através do investimento do capital estrangeiro, no ano da virada do século, a *Light & Power*, empresa canadense, assume a “provisão de energia, telefonia e transportes públicos [...] implantando extensa rede de bondes elétricos” (Campos, 2004, 77). A *Light*, muito presente em tudo aquilo que era associado a desenvolvimento e progresso, é citada em diversos textos das revistas técnicas, como na *Revista Politécnica*, em um artigo que coloca que “o rápido desenvolvimento da cidade de S. Paulo aliado á pequena vasão do Tietê na estação secca, levaram a “S. Paulo Tramway Light & Power Cy. Lted” á construcção de um grande reservatório”⁹.

A empresa seguiu presente no imaginário dos paulistanos por longo período, devido a seu grande impacto na transformação na cidade. Está presente em um poema de Mario de

⁷ “O Teatro Municipal de S. Paulo”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 5, outubro 1911, 145.

⁸ “O Teatro Municipal de S. Paulo”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 5, outubro 1911, 145.

⁹ “As obras da “Light” em Santo Amaro”, *Revista Politécnica*, vol. IV, nº 21, abril-maio 1908, 135.

Andrade, publicado na *Klaxon*:

[...]

As brisas colorem-me os lábios com as rosas do Anhangabaú.

Sol pálido chauffeur japonês atarracado como um boxista.

Luz e força!

Light & Power

Eu sou o poeta das viagens de bonde!

Explorador em busca de aventuras urbanas!

[...] ¹⁰.

As habitações também apresentaram grandes transformações no período. Os novos moradores da elite da cidade exigiam “além de um centro administrativo, comercial e financeiro [...] recantos aprazíveis e residências cômodas” (Campos, 2004, 72). Assim, proliferaram cada vez mais os bairros privilegiados, onde se instalavam os proprietários das habitações mais requintadas, amplas e confortáveis, criando uma cidade que crescia “com as villas modernas e confortáveis dos quarteirões aristocráticos ao mesmo tempo em que uma população exuberante se concentra nas habitações econômicas dos bairros industriais”¹¹.

Em contrapartida, o crescimento populacional, a industrialização e o aumento das atividades comerciais na cidade contribuíram para a elevação no número de habitações dos mais pobres, consideradas pelos setores letrados inadequadas e insalubres.

Esse tema aparece em pauta nas necessidades de estudos dos engenheiros. Na *Revista de Engenharia*, o artigo intitulado de *Casas Operárias* coloca que o problema da “construção de casas econômicas destinadas às classes menos favorecidas da fortuna” é algo que “preocupa os governos de quase todas as nações cultas”, e conclui que “dar ao operário uma habitação higienica, mediante pequena retribuição, é trabalhar para o aperfeiçoamento social das clases pobres, e contribuir altamente para o saneamento geral das cidades”¹².

O tema ganha destaque na edição especial do *Boletim do Instituto de Engenharia* comemorativa do *Congresso de Habitação*. Em seu editorial, já é clara a preocupação com as habitações no sentido de serem econômicas, de acordo com as condições e normas de higiene de então e de boa qualidade. Tais condições, no entanto, não são necessariamente vistas como importantes por uma necessidade de acesso à moradia digna a toda população, mas sobretudo como um problema de desenvolvimento da cidade e sociedade a qual pertencem, que entende que “a casa individual, rodeada de ar e de luz, sympathica e

¹⁰ “Poema Abúlico”, *Klaxon*, nº 8-9, dezembro 1922-janeiro 1923, 13-14.

¹¹ “A crise de mão de obra”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 8, janeiro 1912, 217.

¹² “Casas Operárias”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 1, junho 1911, 4.

convidativa ao repouso, é a cellula mater das raças fortes”¹³.

A preocupação das elites com sua visão de São Paulo como uma cidade em desenvolvimento era de retirar das áreas centrais esse tipo de moradia, expulsando o indesejado por meio dos argumentos sanitaristas (Campos, 2004, 73) e, ao mesmo tempo, investir nestes espaços mais nobres e fortalecer a imagem da cidade em progresso.

Essa é a imagem colocada no mesmo artigo acima citado das casas operárias na *Revista de Engenharia*:

*O problema de melhoramentos de S. Paulo é realmente de grande importância; transformando as condições estheticas da cidade virá colaborar no aperfeiçoamento social de todos os seus habitantes, augmentando-lhes as causas de felicidade, porque o bello influe poderosamente sobre a natureza humana*¹⁴.

Com tais transformações físicas e culturais, a cidade de São Paulo do início do século XX já era bastante associada a uma imagem marcada pelo desenvolvimento através da riqueza do café, expressada nas áreas centrais, na arquitetura eclética e nos bairros nobres, que via as transformações urbanas como exemplos máximos de progresso.

Estas imagens da cidade faziam parte do processo de construção da identidade paulistana. É importante considerar que “as soluções encontradas para resolver os problemas urbanos de caráter físico não se reduzem apenas às questões técnicas, imediatas ou não, mas perpassam pelos campos político e simbólico, que lhes dão respaldo” (Souza, 2008, 107). As diversas intervenções urbanas durante o período apontado na capital paulista, que eram chamadas claramente de “melhoramentos” urbanos na literatura da época, não pareciam se limitar ao objetivo de adequar a infraestrutura a seu novo porte e função. Era imprescindível que São Paulo se afirmasse como uma cidade rica, local de residência de uma elite emergente, em pleno desenvolvimento, de maneira a criar uma identidade que a desassociasse daquela do período colonial e a equiparasse às cidades e capitais europeias.

Transformar a cidade não era apenas substituir a vetusta taipa pelo tijolo, trocar o beiral aparente pela platibanda ornada. A metamorfose pressupunha romper os limites do sítio de fundação da urbe, transpor as várzeas que cercavam o Triângulo e irradiar a cidade sulcando as periferias com ruas, avenidas e construções, multiplicando a riqueza que circulava com a pujança proporcionada pela preciosa rubiácea (Segawa, 2000, 15).

A marcação da riqueza, assim como a dissociação da simplicidade interiorana era o que

¹³ “Congresso de Habitação”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. XIV, nº 70, abril 1931, 112.

¹⁴ “Casas Operárias”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 1, junho 1911, 4.

pautava este período de

ritmo acelerado de diferenciação entre cidade e campo, aquela desenvolvendo-se às custas deste, com a resultante preocupação, para uma população urbanizada havia pouco, de se desvincular da ingenuidade rústica simbolizada no Brasil do século XX pelo 'caipira' (Levi-Strauss, 1996, 98).

Nesse sentido, os periódicos foram importantes para a criação dessa imagem. De um lado, tinha-se o saber científico que legitimava as transformações da cidade como sinônimo de progresso e, de outro, a literatura que, propriamente ligada às vanguardas modernistas, possuía como pano de fundo a exaltação dos símbolos modernidade, constituindo-se a cidade um deles.

A *Klaxon* possui diversas referências à cidade moderna em seus textos e poemas. Inicia sua apresentação ditando que a revista “não reconstruirá o que ruir. Antes aproveitará o terreno para sólidos, higienicos, altivos edifícios de cimento armado”¹⁵. Imagens como da “symphonia da velocidade” e “chão de asfalto” são colocadas no poema *Aeroplano* (outra referência do que seria moderno), de Luís Aranha¹⁶. Assim também ocorre em outro poema de sua autoria, *Crepúsculo*, em que enumera símbolos da cidade moderna:

[...]

Andar com a força de todos os automóveis

Com a força de todas as usinas

Com a força de todas as associações commerciaes e industriaes

Com a força de todos os bancos

Com a força de todas as empresas agrícolas e as explorações de linhas férreas

Os capitães amontoados em pilhas electricas

[...]

Sou um trem

Um navio

Um aeroplano

[...]¹⁷.

A revista *Terra Roxa e Outras Terras*, numa leitura prévia, parece não ter esse apelo e euforia aos símbolos da modernidade tão forte como na *Klaxon*; seu entusiasmo, como já foi apontado, parece ser em relação ao fado paulista do desenvolvimento, da terra fértil que gera

¹⁵ “Cartáz”, *Klaxon*, nº 1, maio 1922, 3.

¹⁶ “Aeroplano”, *Klaxon*, nº 2, junho 1922, 7.

¹⁷ “Crepúsculo”, *Klaxon*, nº 6, outubro 1922, 3.

riqueza e das rápidas transformações pelas quais passara e passava a cidade. Os elementos da modernidade não aparecem mais soltos, como nos textos da *Klaxon*, mas sim como provas do destino da cidade, como no excerto abaixo, que reproduzia um texto de Américo de Campos, de 1877:

*[...] a estrada de ferro, a telegraphia, o desenvolvimento agrícola da província, a imprensa, os estabelecimentos industriaes, a navegação a vapor, o grande commercio e outros elementos do progresso moderno accumularam-se um dia, e absorveram a cidade escolastica, a cidade dos empregados publicos, litteraria, palreira, poetica, mais vadia, pobre, paralisada, transformando-a em um grande centro, renovando-lhe a população, dando-lhe vida enérgica e múltipla de uma grande cidade, trazendo-lhe o gaz, os larápios de profissão, a imprensa regular, os telegramas, os Almanachs, as operas lyricas, as prima-donnas, o sorvete, os touristes marqueses e não marqueses, os bonds os patios e os patinadores e até as borboletas cosmopolitas [...]*¹⁸.

A mesma ideia de transformação aparece na revista quando se faz um apelo à sociedade paulistana para a obtenção da carta de Anchieta como documento histórico da cidade. O texto, da autoria de Paulo Prado, diz que

*da pobreza primitiva, heroica e fecunda, da “paupérrima e estreitíssima casinha” de 25 de janeiro de 1554, cerca de quatro séculos mais tarde a semente plantada pelo jesuíta frutificara como talvez nunca o sonhará a sua imaginação de poeta e de missionário*¹⁹.

No quinto número da revista, quando se consegue adquirir a carta, Paulo Prado faz um discurso de agradecimento que toca no mesmo ponto, dizendo que “este largo período da história de S. Paulo é assinalado por uma formidável transformação que é a que medeia entre as palhoças da villa Piratininga e o próprio palácio em que hoje estamos”²⁰.

Com marcas como estas, desde o final do XIX e ao longo de toda a primeira metade do XX, passa a perdurar no imaginário urbano da capital paulista esta necessidade de exaltação de suas transformações urbanas como fator afirmativo de desenvolvimento e modernização.

Essa imagem, como se procurou mostrar, percorre os textos presentes em ambas as categorias das revistas. Falar de progresso na capital paulista era, “sobretudo depois do êxito completo da valorização, [...] um lugar commum”²¹. A cidade de São Paulo era vista, a partir dessa perspectiva, como espaço dos avanços e progressos, quase de maneira inevitável, como no trecho a seguir: “É claro que mui diversos devem de ser os critérios si se nos antolha

¹⁸ “Progresso”, *Terra Roxa e Outras Terras*, nº 1, janeiro 1926, 6.

¹⁹ “Uma carta de Anchieta”, *Terra Roxa e Outras Terras*, nº 1, janeiro 1926, 1.

²⁰ “Discurso de Paulo Prado”, *Terra Roxa e Outras Terras*, nº 5, abril 1926, 1.

²¹ “As habitações em São Paulo”, *Revista de Engenharia*, vol. I, nº 10, março 1912, 277.

cidade de crescimento lento e futuro apagado ou de futuro brilhante e crescimento rápido. S. Paulo se enquadra incontestavelmente no segundo caso²² ou, como afirma um dos textos de *Terra Roxa*, “A riqueza é do paulista. O progresso também. O meio excelente produziu o homem forte que fez a civilização estupenda. Assim está bem. A riqueza é resultado indirecto da excelência do meio”²³.

Não só da cidade, como já se colocou, mas todo estado de São Paulo passava por esse processo. As obras de expansão e infraestrutura eram praticamente sempre consideradas como grandes benefícios, quase independentemente de seu impacto físico e social na cidade. Nesse sentido se entendia que, à época, “as grandes manifestações de prosperidade econômica do Estado de São Paulo tem se traduzido, notavelmente, no desenvolvimento dos serviços de energia eléctrica, na quase unanimidade de suas cidades”²⁴. A mesma ideia é aplicada a todo o país, como no trecho abaixo.

*No momento actual, precisamos encarar uma serie de factores afim de que possamos estabelecer os meios de transportes, de forma a satisfazer, o mais possível as inúmeras necessidades, consequentes da época de verdadeiro progresso por que está passando o mundo civilizado e muito especialmente o nosso Paiz*²⁵.

O texto a qual pertence este excerto discute o transporte na cidade de São Paulo. O recorte acima abre a explanação no texto. Casos como este são comuns nos textos das revistas e evidenciam a maneira como se via a cidade de São Paulo como o ponto central do processo de desenvolvimento de todo o país. A cidade é vista, portanto, nesse sentido, num processo metonímico - a parte pelo todo – de representação do progresso do país.

Esse processo já foi explicado por Pesavento (1999, 159) e “implica um predomínio do simbólico sobre o real, da representação sobre o referente”, isto é, a partir da formação da imagem de São Paulo como espaço de grandes e rápidos avanços, se transpõe essa ideia a todo o país.

No entanto, caminhando pela década de 20 nesse processo de grande transformação e exaltação do progresso, o período que segue, na década de 30 e seguinte, passa a mostrar de maneira mais evidente alguns problemas que as transformações urbanas desencadeavam, como o “acúmulo de carências de equipamentos e serviços urbanos gerado pelo descompasso entre a aceleração da urbanização, o crescimento da população e a capacidade

²² “Projecto de uma avenida circular constituindo perímetro de irradiação”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. V, nº 24, janeiro-março 1924, 331.

²³ “Colhér direita”, *Terra Roxa e Outras Terras*, nº 3, fevereiro 1926, 4.

²⁴ “As habitações em São Paulo”, *Revista de Engenharia*, vol. II, nº 2, julho 1912, 41.

²⁵ “Transportes interurbanos”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. V, nº 22, agosto-setembro 1923, 128.

do setor público de prover essa população” (Souza, 2004, 545-546).

Esse tipo de percepção dos problemas da cidade parece estar mais presente nos textos do *Boletim*. Já no início da década de 20, esse periódico trata diversos assuntos a partir, por exemplo, da ideia de que “toda a cidade tem seus problemas, e destes um dos mais importantes é a sua expansão moldada nos princípios científicos e artísticos os mais modernos”²⁶, ou afirma que “entre os muitos problemas de carácter urgente que se apresentam á consideração dos poderes públicos do Estado de S. Paulo”, um deles é o da canalização do Rio Tietê²⁷.

No discurso de Anhaia Mello sobre urbanismo, em 1928, o engenheiro o inicia com a seguinte afirmação: “N’uma cidade como São Paulo de desenvolvimento rápido e de população beirando pelo milhão, os problemas do urbanismo se apresentam com a fatalidade dos da esphynges da lenda: *ou nós os resolvemos ou eles nos devoram*”²⁸.

Estas são percepções que não parecem muito presentes em todos os periódicos, exceto no *Boletim*. Em geral, como se viu ao longo do trabalho, havia uma maior presença da ideia do crescimento populacional e físico da cidade como fator de desenvolvimento e progresso, associado a grandes intervenções no urbano. A tendência mais frequente parecia ser de ver a cidade através da exaltação daqueles elementos que eram considerados modernos, de maneira a criar uma imagem de São Paulo que pudesse se comparar as mais avançadas cidades europeias e retirar de sua memória a lembrança da pequena cidade que aparentava esquecida por tanto tempo, deixando no imaginário urbano apenas os seus momentos gloriosos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora se trate de uma percepção inicial dos discursos presentes nesses periódicos, é curioso que o *Boletim* possua textos nos quais há marcação das questões urbanas como problemas, enquanto isso parece ser menos frequente nas outras revistas. Entretanto, é importante considerar que, comparativamente, a *Revista Politécnica* muito mais tinha de outros assuntos relacionados à engenharia e poucas páginas parecia dedicar ao urbanismo e à arquitetura. No mesmo sentido, a *Revista de Engenharia*, embora tratasse bastante destes assuntos, teve sua tiragem curta e nos anos iniciais dessa euforia pelo progresso (1911-13), sem que se manifestassem muito suas consequências na cidade. As edições do *Boletim*, em

²⁶ “Terrenos – seu melhoramento para habitações”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. IV, nº 13, outubro 1921, 24.

²⁷ “A canalização do Rio Tietê no território da Capital e nos municípios adjacentes”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. IV, nº 19, janeiro 1923, 181.

²⁸ “Urbanismo”, *Boletim do Instituto de Engenharia*, vol. IX, nº 42, novembro 1928, 236.

contrapartida, transpassam largo período da história da cidade e o periódico possuía bastante espaço para a discussão dos temas urbanos. Assim, é possível que tenha mais presença desta visão da cidade como um problema a ser resolvido por conta da própria trajetória do periódico e por uma questão quantitativa propriamente.

Das revistas literárias, enquanto a *Klaxon* parecia gritar o êxtase da modernidade, a *Terra Roxa* se fixa na ideia do orgulho do paulista. Estas mostram a maturidade que a literatura vai tomando pós-Semana de 22. Enquanto *Klaxon* surge logo após a Semana, quando ainda parecia mais forte a ideia de importação das ideias europeias do Modernismo, a *Terra Roxa* já está situada quando estas estão mais assentadas e a arte passa a procurar compreender mais a questão da nacionalidade.

Verificar estas primeiras impressões dos periódicos e compreender suas causas são as tarefas que serão perseguidas pela pesquisa a partir de então.

De maneira geral, no entanto, a partir dos recortes citados que procuram mostrar parte das ideias presentes nos periódicos analisados, é possível avaliar que tais revistas caminhavam juntas no sentido de fazerem parte da construção de uma imagem da cidade de São Paulo como espaço de desenvolvimento, avanço e progresso. A faziam de maneiras distintas, mas, em grande parte contribuíram para essa marcação. Enquanto as revistas técnicas associavam a ideia de progresso e a cidade de São Paulo legitimando o desenvolvimento urbano através do conhecimento científico, as revistas artísticas parecem colocar tais pontos da modernidade e do desenvolvimento paulista de maneira menos articulada, quase como resultados impostos, respaldados numa espécie de destino da cidade em acomodar as transformações das artes modernas.

BIBLIOGRAFIA

Boletim do Instituto de Engenharia. São Paulo: Instituto de Engenharia, 1917-1941.

Campos, Candio Malta; Gama, Lucia Helena e Sacchetta, Vladimir (orgs). *São Paulo Metrópole em trânsito: Percursos urbanos e culturais*. São Paulo: Editora Senac, 2004.

Chartier, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

Klaxon: mensário de arte moderna – edição fac-similar. Puntoni, Pedro & Titan Jr., Samuel (orgs). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2014.

Terra Roxa e Outras Terras. Puntoni, Pedro & Titan Jr., Samuel (orgs). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2014

Levi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos* (trad. Rosa Freire d'Aguiar). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Pesavento, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed Universidade/UFRGS, 1999.

Pesavento, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

Revista de Engenharia: publicação mensal de engenharia civil e industrial, arquitetura e agronomia. São Paulo: Ranulpho Pinheiro Lima e H. Souza Pinheiro, 1911-1913.

Revista Politécnica. São Paulo: Grêmio Politécnico, Escola Politécnica, 1904-1950.

Segawa, Hugo. *Prelúdio da metrópole: Arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX*. São Paulo, Atelier Editorial, 2000.

Somekh, Nadia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. São Paulo: Edusp, 1997.

Souza, Célia Ferraz. Construindo o espaço da representação ou o urbanismo de representação. In: Souza, Célia Ferraz & Pesavento, Sandra Jatahy (orgs.) *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

Souza, Maria Adélia Aparecida. Metrópole e paisagem: caminhos e descaminhos da urbanização. In: Porta, Paula (org). *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.